

Considerações sobre a passagem ao ato, o *acting-out* e o crime

Maria José Gontijo Salum

Resumo: Estudo dos atos encontrados na clínica com infratores. Para isso, os conceitos lacanianos de passagem ao ato e *acting-out* foram trabalhados. O crime foi considerado na neurose e na psicose, mas o que se pretendeu destacar foi a dimensão do ato criminoso.

Palavras-chave: crime, passagem ao ato, *acting-out*.

Abstract: Studies on acts found in criminal labs. In order to do so, lacanian concepts of passage to the act and *acting-out* were used. Crime was considered in neurosis and psychosis, though we initially intended to highlight the dimensions of criminal acts.

Keywords: crime, passage to the act, acting-out.

Considerações sobre a passagem ao ato, o *acting-out* e o crime

Maria José Gontijo Salum

Na interface da psicanálise com a criminologia, vê-se que o interesse de Freud por esse campo do direito partiu de suas formulações sobre o Édipo. Lacan, por sua vez, se interessou pelo crime, inicialmente, a partir de suas investigações sobre a passagem ao ato na psicose, tema de sua tese de doutorado (LACAN, 1932/1987). Posteriormente, ele avançou nas possibilidades de interlocução entre as duas disciplinas, propondo uma orientação para que a psicanálise pudesse contribuir com a criminologia (LACAN, 1950/1998). Dentre os vários aspectos que Lacan indicou como possibilidade de contribuição, interessa, neste artigo, abordar, especificamente, o que diz respeito ao que se pode definir como as principais ferramentas teóricas para abordar o ato criminoso: passagem ao ato e *acting-out*.

Em sua tese de doutorado, citada no parágrafo anterior, Lacan introduziu a autopunição como causa da passagem ao ato no caso que ele investigou e que ficou conhecido como “caso *Aimée*”. Nesse episódio, a paranoia de autopunição foi proposta por ele como um acréscimo à teoria do delírio paranoico de perseguição, funcionando como fundamento da passagem ao ato. Nessa mesma publicação de sua tese, encontra-se também um estudo sobre o caso das irmãs *Papin*, que aborda uma outra causa para a passagem ao ato — a cristalização hostil.

Posteriormente, Lacan (1946/1998) fez referência aos crimes que foram discutidos por Paul Guiraud (1931/1994) como imotivados; passagens ao ato que não apresentavam um delírio paranoico como causa. Ao contrário de Guiraud, Lacan vai considerar como causa do crime o objeto, é a ele que a passagem ao ato visaria atingir.

Como se vê, em sua contribuição para a explicação do ato criminoso, Lacan utiliza, inicialmente, o conceito de passagem ao ato. No presente artigo, serão apresentadas, também, suas considerações a propósito do *acting-out*, tal como se pode verificar em seu *Seminário 10 – A angústia* (LACAN, 1962[63]/2004). Como ressaltado anteriormente, passagem ao ato e *acting-out* são as principais ferramentas que Lacan ofereceu à psicanálise para abordar o ato criminoso. No *Seminário 10*, essas formas de agir são consideradas respostas diante de uma causa — o encontro com o objeto *a*. De forma correlata, pode-se considerar que o ato criminoso tem relação com o objeto: é a ele que o crime visa, seja na forma de um objeto de furto, de roubo, de destruição ou de morte.

Passagem ao ato e *acting-out*: a angústia como sinal do real

Lacan começa o *Seminário 10* abordando as consequências subjetivas da angústia — ela afeta o sujeito, e um afeto não pode ser recalcado — ele pode ser deslocado, substituído, invertido, metaforizado. Segundo ele, a angústia é o fenômeno fundamental e o problema capital da neurose, pois ela é o afeto diante do que na estrutura não pode ser simbolizado: o objeto *a*.

No encontro com o desejo do Outro, deparar-se com sua falta é correlato a constatar a castração. A angústia é o sinal desse encontro, é o confronto com a ausência de relação sexual, com o Outro que não há. Disso o sujeito neurótico se protege através da construção da fantasia, e, por meio dela, ele estabelece uma outra relação com a falta de objeto. Com esse artifício, ele vela a falta.

Segundo Lacan, a angústia surge quando aparece o que estava velado por trás da proteção da fantasia. Ela acontece quando, súbito, de repente, há o encontro com o *heimlich/unheimlich*, numa referência ao familiar/estranho do texto freudiano, "O estranho" (FREUD, 1919/1969). O surgimento desse (*un*)*heimlich* no enquadre causa a angústia. Por isso, para Lacan, diferentemente de Freud (1926[25]/1969), para quem a angústia era sem objeto, há um objeto na angústia — um objeto *a*, um resto da operação significante.

Ao fazer referência ao enquadre, Lacan está considerando a rede de significantes que gera o mundo para cada um e pelo qual se é enganado, como ele diz. A angústia, ao contrário, é o que não engana. O encontro com o objeto causa angústia e desordena o mundo. Na certeza da angústia, pode-se recorrer à ação. Busca-se evitar essa certeza assustadora do encontro com o objeto que faz furo na rede dos significantes que ordena o mundo. Afetado pelo encontro com o objeto, o sujeito não pensa, nem tenta compreender, ele age.

Levando em consideração a temporalidade lógica — instante de ver, tempo de compreender e momento de concluir — no *acting-out*, diante do encontro com o objeto, o sujeito ficaria paralisado no instante de ver e, na passagem ao ato, ele passaria, instantaneamente, ao momento de concluir; ambos elidiriam a simbolização e a subjetivação presentes no tempo de compreender.

No *Seminário 10*, os atos são considerados modos de defesa contra a angústia. Nele, encontra-se um grafo montado por Lacan para localizar esse afeto. Ele parte do texto freudiano *Inibição, sintoma e ansiedade* (FREUD, 1926[25]/1969), concordando que a angústia está no fundo das manifestações inibitórias e sintomáticas. Mas, também, Lacan acrescenta a passagem ao ato e o *acting-out*, manifestações que demonstram a relação da angústia não como sinal da falta, mas do real.

Essas diferentes saídas serão determinadas por condições distintas, no que diz respeito à rede de significantes. Uma resposta sintomática pode ser formulada

quando o sujeito encontra, em sua história, coordenadas simbólicas para subjetivar a falta, a sua e a do Outro, ou seja, quando a falta surge articulada ao dispositivo simbólico. Fazendo uso da fantasia, que estrutura a presença do objeto em conjunção e disjunção com o significante, pode-se substituir o encontro que angustia por um sintoma; assim esse encontro é metaforizado.

Passagem ao ato e *acting-out* acontecem quando o sujeito não dispõe do apoio simbólico para inscrever a castração como falta. Portanto, ou ele reproduz a situação em uma encenação, quer dizer, ele lança mão do imaginário, encenando a falta através de sua fantasia, colocando um objeto no lugar da falta, como acontece no *acting-out*, ou, então, ele sucumbe a esse encontro, como na passagem ao ato, restando, ele próprio, como objeto. Nesses casos, "a falta falta", como observa Lacan no *Seminário 10*.

Nas psicoses, abordam-se as diferentes formas de passagem ao ato citadas por Lacan — autopenitência, delírio de perseguição, cristalização hostil e extração do objeto nos chamados crimes imotivados, ou crimes de *kakon*, como ficaram conhecidos a partir de sua análise do texto de Guiraud, referida no início deste artigo. A tese de Francesca Biagi-Chai (2007) é uma ilustração de passagens ao ato desse tipo, as que visam à extração do objeto. Essa autora tomou como referência o caso Landru. Condenado por roubo e homicídios, ele ficou bastante conhecido no início do século passado na França, por ser considerado um criminoso perigoso. Biagi-Chai demonstra que seus crimes estavam relacionados a um delírio psicótico.

A essa série de passagens ao ato propostas por Lacan, acrescentam-se os *acting-outs*, como se pode encontrar, principalmente, nos atos infracionais de adolescentes. Trata-se de uma ação que se aproxima do sintoma porque nela existem coordenadas simbólicas, ainda que inoperantes. Esse tipo de atuação serve-se do recurso da fantasia para mostrar uma cena dirigida ao Outro — representa uma história em ato. O Outro é convocado e, em cena, o objeto é mostrado; obviamente, não o objeto *a*, mas uma falácia colocada em seu lugar.

Nos atos infracionais de adolescentes, pode-se encontrar a proeminência dessas atuações. Em sua grande maioria, elas devem ser localizadas dentro da perspectiva do *acting-out* e de sua conexão com o Outro. Alguns furtos serão analisados, a esse título. O objeto furtado assume valor para o sujeito, dentro de um determinado contexto. Pode ser uma maneira de fazer um furo no Outro — como é possível verificar através de relatos de jovens que furtam determinados objetos para, em seguida, os abandonarem, assim como furtar um tênis ou um celular pode servir para conferir um brilho fálico a seu portador, inserindo-o no campo do Outro por meio de um objeto da moda. Nesses casos, percebe-se que a infração está referida ao campo do Outro, ou seja, trata-se de um *acting-out*.

Portanto, atos nomeados como crimes ou infrações pelo direito podem ser considerados pela psicanálise uma espécie de agir tendo como referência o objeto, seja na modalidade de uma passagem ao ato, ou de um *acting-out*.

Passagem ao ato e *acting-out* e o objeto criminogênico

Tradicionalmente, a psicanálise associou a passagem ao ato às psicoses, em decorrência da forclusão do significante do Nome-do-Pai nessa estrutura. Na neurose, esse significante é o que possibilita a significação do desejo como falta. A transmissão fálica operada pela metáfora paterna permite o deslizamento do sujeito e do desejo na cadeia significante. Nas psicoses, os fenômenos delirantes e alucinatorios vêm ocupar o buraco no simbólico, conferindo um certo relevo ao imaginário. Assim, nas situações em que o objeto se apresenta, seja de forma persecutória, seja de forma invasora, a passagem ao ato pode ser uma saída para extraí-lo. Essa extração em ato vem no lugar da extração simbólica não operada.

Nas neuroses, o agir pode ocorrer através da mostração do objeto no *acting-out*. Como já foi observado, não se trata do objeto *a*, mas de uma falácia colocada em seu lugar. Em algumas situações, quando a defesa de sua fantasia é transposta de uma maneira selvagem, o sujeito neurótico pode-se identificar imaginariamente com o objeto e se lançar em uma passagem ao ato.

Deve-se demarcar que esses dois conceitos — *acting-out* e passagem ao ato — mostram a dimensão de um atuar no lugar de dizer. Quando o significante do desejo falta, seja por estar foracluído, seja por não estar relacionado a um ideal simbolicamente articulado, a resposta que deveria ser subjetiva não acontece. Em seu lugar surge um ato. Por isso, no ato, não há um sujeito, prevalece a versão do objeto.

Para que o mundo do sujeito seja articulado em discurso, para que ele faça laço com o Outro, é preciso que ele seja estruturado na rede de significantes e, para isso, é necessária a intervenção do Nome-do-Pai, é preciso que esse significante intervenha como Outro. No caso das psicoses, a forclusão desse significante impossibilita que essa operação, chamada por Lacan de “Metáfora Paterna”, seja realizada, o que aumenta a promessa das passagens ao ato. Nos casos que apresentam atuações, mas que não se trata de psicoses, pode-se considerar que elas podem ocorrer devido ao que Lacan (1938/2003) nomeou de declínio da imago paterna. Por isso, cada vez mais a psicanálise, no encontro com os crimes e infrações, leva em consideração, na contemporaneidade, uma clínica dos atos. Quer dizer, uma clínica na qual prevalecem *acting-out* e passagens ao ato como saídas para a angústia, em detrimento dos sintomas tradicionais.

A clínica contemporânea é a clínica dos atos, segundo Miller (1996[97], 2005). Nela, verifica-se o declínio do Outro que transmite um Ideal simbólico e promove o laço social. Essa transmissão veicula a identificação e localiza o gozo como fálico, isto é, relacionado ao desejo, como Lacan (1958/1998) descreveu em seu escrito *A significação do falo*.

A clínica clássica da neurose mostrava o seguinte: um ideal era instaurado no sujeito, e este, marcado pela falta, deveria dirigir-se ao campo do Outro para encontrar o objeto de sua fantasia. Na psicose, isso se faz de forma distinta, pois o psicótico não vai recuperar o objeto, visto que ele não o perdeu, não houve a extração simbólica do objeto para que se constituísse a causa do desejo. Segundo expressão de Lacan, o psicótico tem o objeto no bolso. Dessa forma, nessa estrutura, não haveria uma fantasia para ligar o sujeito ao campo do Outro visando ao objeto.

Ter o objeto, para qualquer um, é um estorvo. Sobretudo, porque, no lugar de o objeto funcionar como causa do desejo, sua presença produz um excesso, por não articular a castração, e exige mais gozo. Em decorrência desse excesso, encontram-se as passagens ao ato nas psicoses visando à sua extração no real. Nas formas contemporâneas de neurose, paralelamente ao declínio do Outro, surge uma versão feroz do "supereu", exigindo mais satisfação, através de um imperativo de gozo. Ou seja, com a queda do Ideal, prevalece a dimensão do gozo.

Lacan aborda, no *Seminário 10* (1962[63]/2004), os problemas que aparecem quando a falta falta, como já foi ressaltado. O objeto é buscado porque falta, mas, devido a seu estatuto de objeto *a*, ele nunca será encontrado. Para que o sujeito do desejo esteja operando, é no estatuto de causa que o objeto deve ser mantido. Do contrário, surge a angústia assinalando a presença real do gozo.

Viu-se como os atos têm relação com o objeto, inclusive com o que aqui se designa como ato criminoso — em um crime, o objeto é visado. Como foi abordado, não se trata do objeto na sua relação com a falta, com o desejo, mas com o real do gozo. Sem o amparo do desejo, surge um objeto que Lacan designa como criminogênico (LACAN, 1950/1998). Logo, no crime, é esse objeto que se manifesta. No horror desse encontro, a passagem ao ato pode ser uma forma de extraí-lo. Tomando uma coisa por outra, o *acting-out*, por sua vez, encontra um modo de fazer um curto-circuito na articulação do objeto com sua falta, com a castração. Assim, em sua ação, o criminoso tem acesso ao objeto fora de sua significação fálica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIAGI-CHAI, F. *Le cas Landru à la lumière de la psychanalyse*. Paris: Éditions Imago, 2007.

FREUD, S. *O estranho*. (1919). Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 17).

_____. *História de uma neurose infantil*. (1918[1914]). Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 17).

_____. *Inibições, sintomas e ansiedade* (1926[1925]). Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 20).

GUIRAUD, P. Os assassinatos imotivados (1931). *Revista Opção Lacaniana*, São Paulo, n. 9, p. 87-91, jan./mar. 1994.

LACAN, J. *Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade* (1932). Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1987.

_____. Introdução teórica às funções da psicanálise em criminologia (1950). In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 127-151

_____. Formulações sobre a causalidade psíquica (1946). In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 152-194

_____. *O Seminário, Livro 10: A angústia* (1962-63). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____. Os complexos familiares na formação do indivíduo. (1938). In: _____. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 29-90

_____. A significação do falo (1958). In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 692-703

MILLER, J.-A. Jacques Lacan: observaciones sobre su concepto de pasaje al acto. In: _____. *Infortunios del acto analítico*. Buenos Aires: Atuel, 1993. p.39-55. (Colección Algoritmo).

_____. *El Otro que no existe y sus comités de ética*. Seminário em colaboración com Eric Laurent (1996/97). Buenos Aires: Paidós, 2005.

SALUM, M. J. Gontijo (2009) *A psicanálise e o crime: causa e responsabilidade nos atos criminosos, agressões e violência na clínica psicanalítica*. Tese de doutorado. Curso de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio de Janeiro – RJ.

SANTOS, T. Coelho dos. *Quem precisa de análise hoje?* São Paulo: Bertrand Brasil, 2001.